



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCINEIDE PEREIRA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O QUINZE*, DE RACHEL
DE QUEIROZ**

Cajazeiras - PB

2018

FRANCINEIDE PEREIRA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O QUINZE*, DE RACHEL
DE QUEIROZ**

**Monografia apresentada ao Curso de
Letras - Licenciatura em Língua
Portuguesa, da Unidade Acadêmica de
Letras, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Regina
Calado de Medeiros.**

Cajazeiras - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S729c Souza, Francineide Pereira de.
A construção das personagens femininas em O Quinze, de Rachel de
Queiroz / Francineide Pereira de Souza. - Cajazeiras, 2018.
47f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2018.

1. Literatura. 2. Regionalismo. 3. O Quinze. 4. Rachel de Queiroz. 5.
Mulher. I. Medeiros, Lígia Regina Calado de. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.0

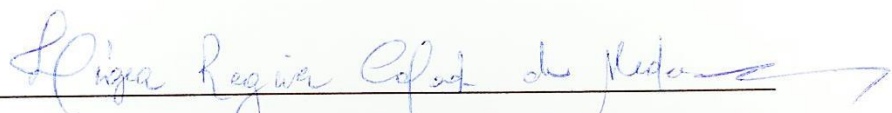
FRANCINEIDE PEREIRA DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O QUINZE*, DE RACHEL
DE QUEIROZ**

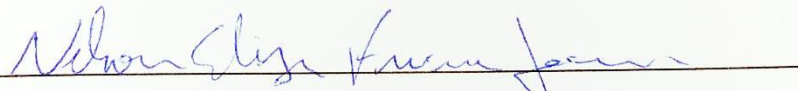
**Monografia apresentada ao Curso de
Letras - Licenciatura em Língua
Portuguesa, da Unidade Acadêmica de
Letras, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande.**

Aprovada em: 14/03/2018

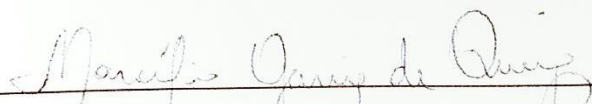
BANCA EXAMINADORA



**Prof.^a Dr.^a Ligia Regina Calado de Medeiros
(UAL/CFP/UFCG – Orientadora)**



**Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)**



**Prof. Dr. Marcilio Garcia de Queiroga
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)**

AGRADECIMENTOS

Ao pai celestial, por sempre ter abençoado a minha vida, me dando força e coragem para superar as dificuldades encontradas pelo caminho.

À professora Dr.^a Lígia Regina Calado de Medeiros, agradeço pela orientação, pelo apoio e pelo saber partilhado durante minha jornada estudantil.

Aos meus pais Vilani Pereira de Souza e Elias Vicente de Sousa, pessoas que me trouxeram ao mundo em meio às dificuldades financeiras, que me proporcionaram as condições para estudar e que me ensinaram a valorizar as oportunidades que a vida oferece.

À minha família, pelo apoio e dedicação durante os momentos bons e ruins.

Aos amigos que conheci na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP/CZ), em especial a Lucas Cesar de Oliveira e a Marcelo Liparini Vieira, que me proporcionaram momentos inesquecíveis durante a graduação. Amo vocês!

A todos os professores da UFCG, em especial aqueles que contribuíram em minha formação acadêmica.

À CAPES, pelo intermédio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em especial à coordenadora do programa Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira, pessoa que contribuiu bastante na minha formação pessoal e profissional, bem como aos supervisores, aos bolsistas e a todos que fizeram parte do *Subprojeto Língua Portuguesa: Canteiros de Linguagem*.

A todos os colegas que ingressaram no Curso de Letras da UFCG no período 2013.1, Aleuda Alves, Anamízia Soares, Aurenir Ferreira, Ítala Morgana, Joely Queiroz, Maria Aparecida, Maria do Socorro e Natã Yanez, pela convivência e pelo companheirismo.

Ao uruguaio e amigo César Ismael da Costa Flores, pessoa que contribuiu com o *resumen* deste trabalho.

Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos, nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só...

(Rachel de Queiroz, 2016, p. 155).

RESUMO

Com a evolução da história, pudemos perceber as mudanças ocorridas na sociedade e na vida das mulheres, e isso só foi possível devido às grandes lutas por igualdade de gênero, possibilitando a sua inserção no mercado de trabalho, garantindo seu direito ao voto, permitindo que pudessem estudar, buscar melhores condições de vida, entre outras questões que deram a chance das mesmas adentrarem aos diversos segmentos sociais antes privados. Para enfrentar uma sociedade em que deveriam se calar e aceitar tudo com resignação, muitas delas recorreram à literatura como forma de denúncia. Esta última, engajada, assim como as diversas manifestações artísticas desse segmento, está intrinsecamente ligada à sociedade em que se origina e quem a produz, pois o(a) autor(a) engajado(a) não consegue ser indiferente à realidade que o(a) cerca, sendo a literatura uma importante arma contra a realidade opressora e uma forma de crítica ideológica, política e social. Nesse direcionamento, através desse trabalho, temos como objetivo geral analisar como Rachel de Queiroz constrói o perfil de cada personagem feminina da obra *O Quinze*. Para tanto, buscamos compreensão nas teorias que norteiam a perspectiva feminista e a literatura regionalista. Em seguida, analisamos a construção das personagens na obra e os espaços ocupados por elas em meio à sociedade no romance, além de descrevermos como o contexto social nordestino contribui para o comportamento dessas personagens. Como fundamentação teórica, buscamos investigar sobre o percurso da mulher na história sob a apresentação da discussão feminista a partir de Alves e Pitanguy (1985) e Lins, Machado e Escoura (2016); o percurso da mulher na literatura com Castanheira (2010) e Sousa e Dias (2013); e a caracterização da literatura regionalista a partir de Abaurre e Pontara (2005), Bueno (2006) e Coutinho (2004), sem desconsiderar os demais autores que nos auxiliaram na construção desta investigação. No que diz respeito à metodologia, a pesquisa desenvolvida se caracteriza como bibliográfica, uma vez que partimos dos estudos já desenvolvidos sobre o percurso social da mulher na sociedade, na área do Feminismo e na literatura regionalista, para que pudéssemos alcançar o nosso propósito com a análise. Através dela, foi possível compreender que em *O Quinze*, Rachel de Queiroz criou personagens cujos perfis são traçados de acordo com o meio, podendo, assim, se mostrarem favoráveis aos costumes da época, sendo oprimidas pelas crenças, valores e condições sociais, assim como personagens que lutam e transgridem todas essas questões, mostrando-se muito a frente da sociedade em que vivem.

Palavras-chave: Literatura. Regionalismo. *O Quinze*. Rachel de Queiroz. Mulher.

RESUMEN

Con transcurso del tiempo, notamos muchos cambios que se efectuaron en la sociedad y en la vida de las mujeres. Eso fue posible gracias a las grades luchas por la igualdad de género que posibilitaron su inserción en el mercado laboral, garantizaron su derecho al voto, les permitió estudiar, y que lograran buscar mejores condiciones de vida. Esas y muchas otras cosas le dieron la oportunidad a que ellas se introdujeran a diversos segmentos sociales que anteriormente le fueron privados. Para poder esquivar y enfrentar a una sociedad en la cual deberían callarse y aceptar todo con resignación, muchas de ellas recurrieron a la literatura como forma de denuncia. Esta última, como las diversas manifestaciones artísticas, está intrínsecamente relacionada a la sociedad en la cual se origina y quien la produce, pues el/la autor/a no logra ser indiferente a la realidad que lo rodea, siendo la literatura un importante arma contra la realidad opresora, y una forma de crítica ideológica, política y social. En esa dirección, a través de este trabajo, tenemos como objetivo generar y analizar como Rachel de Queiroz construye la personalidad de cada personaje femenino de la obra *O Quinze* (El quince). Por tanto, inicialmente hemos abarcado las teorías que guían la perspectiva feminista y a la literatura regionalista. En seguida, hemos investigado la construcción de los personajes en la obra y los espacios ocupados por ellos en medio a la sociedad en el romance. A demás de describir como el contexto social nordestino contribuye en el comportamiento de esos personajes. Como fundamento teórico, hemos explorado el recorrido de la mujer en la historia y la presentación de la discusión feminista a partir de Alves y Pitanguy (1985) y Lins, Machado y Escoura (2016); el recorrido de la mujer en la literatura regionalista con Castanheira (2010) y Sousa y Dias (2013); y la caracterización de la literatura regionalista a partir de Abaurre y Pontara (2005), Bueno (2006) y Coutinho (2004), sin desconsiderar los demás autores que nos uxiliaron en las teorías que fundamentaron la construcción de esta investigación. En lo que concierne a la metodología, la investigación desarrollada se caracteriza como bibliográfica, una vez que comenzamos los estudios ya desarrollados sobre el recorrido social de la mujer en la sociedad, en el área del Feminismo y en la literatura regionalista, para que podamos alcanzar nuestro propósito con el análisis. A través de ella, fue posible que comprendiéramos que, con la obra *O Quinze* (El Quince), Rachel de Queiroz creo personajes cuyos perfiles son trazados de acuerdo con el medio, pudiendo, así, mostrarse favorables a las costumbres de la época, siendo oprimidas por las creencias, valores y condiciones sociales, o personajes que luchan y enfrentan todas esas cuestiones mostrándose muy a frente de la sociedad en la que viven.

Palabras clave: La literatura. Regionalismo. *O Quinze*. Rachel de Queiroz. Mujer.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MULHERES E DIREITOS CONQUISTADOS.....	12
2.1 A MULHER NA LITERATURA.....	16
3 O MODERNISMO: A GERAÇÃO DE 30	20
4 RACHEL DE QUEIROZ.....	22
4.1 RACHEL, A ESCRITORA E SUAS OBRAS	25
4.2 <i>O QUINZE</i> , O INÍCIO.....	28
5 CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES NA OBRA <i>O QUINZE</i>	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Com a evolução da história, pudemos perceber as mudanças ocorridas na sociedade e na vida das mulheres, e isso só foi possível devido às lutas por igualdade de gênero que possibilitaram a sua inserção no mercado de trabalho, garantiram seu direito ao voto, permitiram que pudessem estudar, que conseguissem buscar melhores condições de vida, entre outras questões que deram a chance de que elas adentrassem aos diversos segmentos sociais que antes lhes foram privados.

São muitas as formas de exclusão pelas quais passaram e ainda passam, na maioria das vezes, sendo obrigadas a seguirem regras e costumes de uma sociedade machista e patriarcal. Para termos noção do quanto eram desvalorizadas, basta que tomemos como exemplo as reivindicações do movimento feminista do século XIX, movimento este que, entre outras questões, buscava que as mulheres tivessem direito ao voto, ao estudo, à herança, à propriedade e ao trabalho, direitos estes que eram garantidos aos homens sem que precisassem se rebelar para tal.

O percurso para conquista de tais direitos foi árduo, amargo e penoso, e embora muito tenha sido conquistado, ainda há muita luta a se travar para que ocupem realmente os espaços da esfera cultural, econômica e política da nossa sociedade. Hoje, ao observarmos o passado, vemos cada degrau como uma vitória na luta por emancipação. A geração futura herda essas conquistas especialmente porque existiram mulheres que não se conformaram às limitações a elas impostas.

Para driblar e enfrentar uma sociedade em que deveriam se calar e aceitar tudo com resignação, muitas delas recorreram à literatura como forma de denúncia. Esta última, assim como as diversas manifestações artísticas, está intrinsecamente ligada à sociedade em que se origina e quem a produz, pois o(a) autor(a) engajado(a) não consegue ser indiferente à realidade que o(a) cerca, sendo a literatura uma importante arma contra a realidade opressora e uma forma de crítica ideológica, política e social.

Sabendo disso, refletindo sobre a atuação da mulher na sociedade e, buscando conhecer as diferentes formas de como elas são vistas, iremos nos debruçar sobre a literatura regionalista, mais especificamente a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Através desse romance, procuramos averiguar como a autora constrói o perfil de cada personagem feminina, ao passo em que as retrata em meio às misérias trazidas pela seca.

Nesse direcionamento, elaboramos como objetivo geral: analisar como Rachel de Queiroz constrói o perfil de cada personagem feminina da obra *O Quinze*. E como objetivos

específicos: compreender as teorias que norteiam a perspectiva feminista e a literatura regionalista; investigar a construção das personagens na obra e os espaços ocupados por elas em meio à sociedade, no romance; e descrever como o contexto social nordestino contribui para o comportamento dessas personagens.

Para tanto, buscamos saber mais sobre o percurso da mulher na história e a apresentação da discussão feminista a partir de Alves e Pitanguy (1985) e Lins, Machado e Escoura (2016); o percurso da mulher na literatura com Castanheira (2010) e Sousa e Dias (2013); e a caracterização da literatura regionalista a partir de Abaurre e Pontara (2005), Bueno (2006) e Coutinho (2004), sem desconsiderar os demais autores que nos auxiliarão nas teorias que fundamentam a construção do nosso trabalho.

A escolha do tema surgiu a partir de nossa participação no Grupo Avançando de Estudos em Literatura (GAEL), criado com intuito de realizar estudos, pesquisas e extensão na área de Literatura. Entre as três edições de estudo já desenvolvidas pelo GAEL, a saber: Rachel de Queiroz (2014); Clarice Lispector (2015); e Guimarães Rosa (2016), participamos das duas primeiras, assim como do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX), quando o grupo se dedicou a obras de autores da Literatura Popular, o que foi uma forma de socialização e valorização da cultura regional e nordestina.

A partir desses estudos, passamos a observar as obras literárias com um olhar mais atento para a mulher e para as diversas formas de exclusão às quais elas são submetidas. Neste interesse e, tomando por objeto de análise o romance de Rachel de Queiroz, uma das grandes autoras da nossa literatura, observaremos qual o papel desempenhado por suas personagens no enredo da obra *O Quinze*, levando em consideração os espaços ocupados por elas em uma realidade tipicamente nordestina, e, em função dela, de que modo se dá a construção da identidade das protagonistas.

A pesquisa desenvolvida se caracteriza como bibliográfica, uma vez que partimos dos estudos já desenvolvidos sobre o percurso social da mulher na sociedade, na área do Feminismo e na literatura regionalista, para que pudéssemos alcançar o nosso propósito com a análise.

Para contemplarmos as reflexões levantadas e orientar o(a) leitor(a), estruturamos o nosso trabalho em seis capítulos. O primeiro deles é a *Introdução*, na qual contextualizamos a temática, destacamos a motivação para o desenvolvimento do trabalho, os objetivos pretendidos, bem como ampliamos a compreensão sobre o tipo de pesquisa.

O segundo capítulo é intitulado *Mulheres e direitos conquistados*, em que abordamos algumas considerações importantes a respeito do percurso da mulher na história e a

apresentação da discussão feminista, destacando o tratamento dado à mulher em diversas civilizações e as lutas que tiveram que travar para que pudessem adentrar aos diversos seguimentos da sociedade.

No terceiro capítulo, intitulado *Modernismo: a geração de 30*, apresentamos uma breve contextualização da época considerada modernista, destacando o regionalismo na literatura e os temas abordados pelos autores da época, entre os quais está o homem nordestino retratado em meio às misérias ocasionadas pela seca.

No quarto capítulo, intitulado *Rachel de Queiroz*, abordamos a vida e as obras dessa escritora, destacando o contexto de criação do seu romance *O Quinze*, o meio social em que ela viveu e o percurso que teve que trilhar como escritora numa época em que a produção feminina não era valorizada.

No quinto capítulo, intitulado *A caracterização das mulheres nordestinas na obra O Quinze*, realizamos a análise, visando explicitar sobre a caracterização das personagens e os espaços ocupados por elas em meio ao contexto social da obra.

Finalmente, no sexto e último capítulo, apresentamos as nossas *Considerações finais*, a partir das quais destacamos os resultados obtidos com a análise empreendida. Logo em seguida, constam as referências.

2 MULHERES E DIREITOS CONQUISTADOS

A luta por igualdade, liberdade e participação social faz-se necessária às mulheres em sociedade, ou à trajetória política delas, embora acontecida inicialmente de modo tímido, já que os costumes, as leis, as religiões, dentre outros, impediam o seu empoderamento. Ao longo dos tempos, podemos perceber o quanto elas precisaram lutar através de movimentos sociais para mudar a realidade na qual estavam inseridas. De acordo com Alves e Pitanguy (1985), na Grécia, a mulher possuía a mesma posição de um escravo, pois só tinha utilidade na realização de trabalhos manuais. Do mesmo modo, em Atenas, para ser livre, a pessoa não poderia ter nascido mulher. Nesse sentido, **as mulheres** tinham como função primordial gerar filhos e a incumbência de garantir o sustento da família, exercendo trabalhos pesados. Enquanto isso, ficava, a cargo do homem, apenas as atividades no campo do saber.

Para as autoras supramencionadas, em se tratando dos Romanos, suas leis garantiam ao homem o direito de mandar na mulher, nos filhos, nos servos e nos escravos. Por sua vez, diferentemente dessa e de outras civilizações antigas, na Gália e na Germânia, a mulher tinha outra conotação, visto que estas sociedades tribais possuíam formas de tratamento iguais tanto para ela quanto para o homem. Ambos participavam de guerras, dos conselhos tribais, da agricultura, da construção de casas e de outras questões.

Na Idade Média, de acordo com estudos demográficos, também mencionados pelas estudiosas, a mulher era responsável por assumir o comando dos negócios, tendo em vista que, em decorrência das guerras, o homem ficava a cargo de lutar em defesa de seu povo. Além disso, a mulher também participava das corporações de ofícios atuando como aprendiz, o que permitia que tivesse a oportunidade de receber instruções profissionais.

Alves e Pitanguy (1985) frisam o quanto a mulher foi perseguida na Idade Média, algo que ficou conhecido como “Caça às Bruxas”. Como forma de repressão, inúmeras mulheres foram torturadas e assassinadas e, por muito tempo, isso permaneceu silenciado pela história. Segundo as autoras, fica nítido que, por trás dessas perseguições, havia uma necessidade de afastá-las do conhecimento científico, visto que esse campo do saber abriria espaço para elas e, em decorrência disso, os homens se sentiriam ameaçados ou deixados de lado.

No período renascentista, por sua vez, a mulher passou por um afastamento da esfera pública da sociedade, havendo também reduções dos direitos civis. No campo do trabalho não houve o seu afastamento, mas a sua desvalorização, pois elas ocupavam atividades menos remuneradas e com baixa qualificação. (ALVES; PITANGUY, 1985).

A primeira mulher a ser indicada ao cargo de poeta oficial da corte real chamava-se Christine de Pisan. Poetisa e filósofa, a italiana viveu na França durante a primeira metade do século XIV e foi considerada uma das primeiras feministas, tendo em vista que fez críticas ferrenhas na defesa dos direitos da mulher, afirmando que as meninas tinham o mesmo direito dos meninos de receber educação. Assim como Christine, Ann Hutchinson, uma americana que congregou em uma pequena comunidade e, em meio as suas pregações, afirmava que a mulher e o homem também tinham o mesmo direito, já que foram igualmente criados por Deus. Por essa razão, devido às pregações que contrariavam totalmente os ideais religiosos da época, ela foi condenada ao banimento. (ALVES; PITANGUY, 1985).

As autoras destacam, ainda, que outra mulher que deu o seu grito de libertação foi a americana Abigail Adams, reivindicando ao seu marido, Jonh Quincy Adams, por meio de uma carta, que os direitos de liberdade contidos na Declaração de Independência fossem também estendidos às mulheres. No entanto, em resposta, seu marido escreveu uma carta de modo sarcástico na qual reafirmava a não inclusão do sexo feminino nesses direitos.

Na França do século XVII, a figura feminina não estava tendo os mesmos direitos que os homens e, com isso, o Feminismo passou a ter uma prática de ação organizada, com discurso próprio e que reivindicava direitos à cidadania, além de especificidades de luta dessas mulheres. (ALVES; PITANGUY, 1985). Lins, Machado e Escoura (2016) destacam, também, que Olympe de Gournes redigiu uma Carta dos direitos da Mulher e da Cidadã na qual defendia o acesso das mulheres francesas ao voto, à propriedade e à liberdade profissional. Ela demonstrou o seu descontentamento com a situação da mulher defendendo a inserção delas na vida pública e civil de forma igualitária com os homens, tanto em relação aos deveres quanto em relação aos direitos. Devido às suas reivindicações, foi guilhotinada, com base na acusação de que estava se passando por um homem.

Alves e Pitanguy (1985) não deixam de destacar, também, as críticas feitas por Mary Wollstonecraft às ideias de Rousseau com relação à mulher, já que ele afirmava haver diferenças naturais no caráter ou na inteligência de meninos ou meninas. No entanto, como enfatizava Wollstonecraft, a “inferioridade” da mulher era ocasionada por conta da educação, portanto, deveriam ser oferecidas oportunidades de formação intelectual e desenvolvimento físico para ambos os sexos. Surgiram, ainda, no século XIX, líderes operárias como Jeanne Deroin e Flora Tristan, que afirmam, por sua vez, que a mulher deveria se capacitar e se organizar para melhor defender os seus interesses.

É do século XIX o entendimento de que a condição da mulher fazia parte das relações de exploração da sociedade de classes. Neste sentido, dois autores contribuíram bastante com a conscientização de que a mulher também deveria ser vista como integrante da sociedade. O primeiro foi Friedrich Engels com o tratado *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* e o segundo foi August Bebel com o trabalho *A mulher sob o Socialismo*, visto que ambos equiparavam a sujeição da mulher à da classe operária, no sistema capitalista. Eles afirmavam que o poder de uma classe sobre a outra terminaria e, da mesma forma, também terminaria o poder do homem sobre a mulher. (ALVES; PITANGUY, 1985).

O século XIX se caracterizou por duas frentes de luta dos operários: uma que lutava por melhores condições de trabalho, visando a redução da jornada diária, garantia de um melhor salário, repouso semanal e melhores condições de higiene; e outra por direitos da cidadania, buscando o direito de votar e ser votado, sem que houvesse o critério censitário e a reivindicação de remuneração para os cargos do Parlamento. Porém, o processo de escolha não foi estendido às mulheres e, assim, elas tiveram que se rebelar mais uma vez para que o direito de votar fosse atribuído a elas. Nos Estados Unidos e na Inglaterra essa luta prolongou-se por aproximadamente sete décadas, já no Brasil perdurou por 40 anos. (ALVES; PITANGUY, 1985).

Buscando uma transformação dessa realidade, criou-se um movimento denominado Feminismo, termo que, para Zirbel (2007), não é fácil definir. Como afirma a autora, mesmo que se possa situar seu surgimento em meados do século XIX, os modos de pensar e de agir associados não são restritos a este período histórico e nem ao espaço geográfico. A autora esclarece que nas Ciências Sociais, de modo geral, ele é entendido como um movimento social em prol dos direitos das mulheres, que surgiu nas décadas de 1960 e 1970, juntamente com os novos movimentos sociais.

Lins, Machado e Escoura (2016) esclarecem que quando alguém se declara feminista está se associando ao movimento social e político mais importante do século XX, tendo como pauta de reivindicação os direitos das mulheres. O Feminismo teve como um dos seus lemas históricos a epígrafe “Homens, seus direitos e nada a mais. Mulheres, seus direitos e nada a menos.” Tal lema visava garantir a equidade de direitos e, diferentemente do que muitos pensam, não era uma questão de superioridade feminina, mas se referia a uma luta pela igualdade de direitos e oportunidades.

Alves e Pitanguy (1985) afirmam que, no Brasil, as primeiras publicações que se preocuparam em definir o Feminismo passaram a considerá-lo como um movimento político e intelectual, dedicado a “repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o

indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados [...]” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 9). Para estas autoras, o Feminismo procurou superar as diversas organizações tradicionais, baseadas na assimetria e no autoritarismo. Nesse sentido, esse movimento não se organizava de modo centralizado, mas fugia de uma disciplina única, sendo que se caracterizava (e ainda hoje se caracteriza) pela auto-organização das mulheres.

De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016), a história do movimento feminista está dividida em três fases ou três ondas, e esse modelo é apenas uma simplificação do que seriam as demandas feministas dos Estados Unidos e da Europa, nos ajudando a entender diferentes contextos, mobilizações e conquistas. A primeira onda, ocorrida por volta do século XIX e século XX, teve como principais reivindicações o direito ao voto, à propriedade, à educação e ao fim do casamento arranjado. Esse momento também ficou conhecido como sufrágio e as suas adeptas são chamadas de sufragistas.

A segunda onda refere-se aos movimentos de liberação feminina, com início na década de 1960. Nessa época já havia certa conquista de direitos, então passaram a reivindicar alguns costumes, dando ênfase na limitação da sexualidade, na associação da mulher à maternidade e à dona de casa, nas desigualdades salariais no mercado de trabalho, na criminalização do aborto e na violência doméstica e sexual. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Em relação à sexualidade da mulher, segundo Tannahill (1980 *apud* LIMA, 2013), é no século XIX, durante o regime vitoriano, que se desenvolve a concepção de que o casal cuja função era procriar, seria o modelo ideal de uma sexualidade “normal”, por isso, o sexo passou a ser um assunto tabu, no qual o prazer sexual feminino é considerado inaceitável, enquanto que a frigidez feminina é entendida como positivo. Tal questão se desenvolveu ao longo dos tempos e ainda hoje se mostra como um assunto cercado de preconceitos e pudores.

Com relação à associação da mulher à dona de casa, de acordo com Oliveira, Freire e Chaves (2012), no Brasil, seguia-se a ordem patriarcal, na qual elas deveriam submeter-se aos domínios do pai, quando solteiras, e do marido após o casamento. A submissão reduzia a mulher a um ser frágil e com pouca inteligência, cujo destino era se tornar uma dona de casa, tendo em vista que todo o conhecimento advinha de suas experiências de vida e limitava-se aos espaços domésticos.

Já a terceira onda teve início na década de 1990 e se estende até a década atual. Tendo como corrente inspiradora a teoria *queer*, apresentou uma contestação dos processos de normalização de gênero e a linearidade entre sexo, gênero e desejo. Esses processos foram

construídos pela sociedade e criaram situações de vulnerabilidade para quem não se enquadrava nas normas criadas para o masculino e para o feminino. Assim, *queer* não era e nem é uma identidade, mas uma busca da pluralidade, cujo respeito e a garantia de direitos uniram as mulheres e o movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Conhecido um pouco do percurso da mulher na sociedade e de como ela tem buscado os seus direitos ao longo do tempo e das lutas, no próximo tópico, abordaremos um dos direitos conquistados por ela, a arte de escrever e de reescrever a realidade, a partir do ponto de vista delas mesmas.

2.1 A MULHER NA LITERATURA

Desde a antiguidade, como é possível perceber, a mulher estava sob o domínio dos homens e, em sociedade, não possuía, assim, o direito sobre sua vida, não podia participar de uma eleição, não podia estudar e, muito menos, ter um emprego para que pudesse ganhar seu próprio dinheiro. Além de tudo isso, como se não bastasse, seu futuro era destinado a viver um casamento arranjado, mesmo que não amasse o pretendente escolhido, para cumprir o papel de uma ótima dona de casa, satisfazendo os desejos de seu marido e de sua família, nunca se rebelando, mesmo que tivesse todos os motivos para isso.

Com o passar do tempo, a mulher começou a romper com as barreiras que lhe foram impostas e o aos poucos, foi adentrando aos seguimentos da sociedade. Nesse sentido, desbravando espaços, a mulher também adentrou na literatura, e pôde mostrar, através de tão importante arte, a sua criatividade, delicadeza e, sobretudo, inteligência e perspicácia. No entanto, apesar de sua capacidade de criação e discussão, por viver em épocas em que não podia se expressar, não foram raros os casos em que acabava, muitas vezes, tendo que se esconder atrás de pseudônimos masculinos ou ceder seu lugar para que outra pessoa brilhasse com suas obras.

Luísa Lobo (1998 *apud* TOFANELO, 2015) afirma que a mulher sempre foi a outra, a excluída, a estranha, no momento que ousou entrar no mundo acadêmico ou literário. Não é possível ignorar os motivos para isso, sejam eles mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, as mulheres acabaram sendo excluídas do mundo da escrita, só podendo dar um passo a mais quando passaram a ler e escrever, devido ao período que estiveram em conventos.

Segundo Jozef (1989 *apud* MARTINS, 2017), as escritoras não são invenção do século XX e, muitas delas, não foram conhecidas antes dessa época por não poderem dar publicidade às suas criações. Desse modo, as suas produções foram mascaradas por pseudônimos, na maioria das vezes masculinos, como uma tentativa de evitar o preconceito que girava em torno da escrita de uma mulher.

Assim, ao adentrar no mundo da escrita, a mulher esteve cercada por um universo duplamente negativo, já que se sujeitava a escrever seguindo os parâmetros masculinos, visto que ela era considerada como uma pessoa marginalizada, tanto como escritora ou personagem. Em consequência disso, tivemos inúmeros escritores que deram vida às suas personagens e que as retratavam de acordo com o seu ponto de vista, pois eram mulheres que, na maioria das vezes, eram consideradas “santas”, ingênuas, sempre dispostas a servir ao marido, ou “demoníacas”, capazes de persuadir e enganar. (JOZEF 1989 *apud* MARTINS, 2017).

Segundo Duarte (1987 *apud* MARTINS, 2017), o enfoque dado à mulher nas diversas áreas de estudo foi devido ao movimento feminista dos anos 60 e 70, o qual pretendia acabar com os mitos da inferioridade, resgatando, assim, a história das mulheres, para poder reivindicar a condição de sujeito investigador da sua própria história, podendo por fim, escrevê-la de forma crítica, contrariando o que os homens fizeram ao longo do tempo.

Tendo em vista que alguns escritores acabaram transformando as personagens femininas em seres criados para satisfazer o desejo alheio, seja enquanto esposa ou enquanto prostituta, sem que pudessem fugir desse destino que lhes fora traçado, algumas mulheres se rebelaram, mostrando que também poderiam falar, pensar, criar e escrever sobre as suas vivências e impressões a respeito da vida e do seu mundo.

O processo de produção literária feminina no Brasil se deu de modo tímido e lento, assim como em outros países, devido à restrição ao direito da alfabetização das mulheres e pelas questões de poder e ideologia. Assim, Castanheira (2010, p. 1) assegura que:

A institucionalização da leitura e da literatura foi francamente discriminatória; prevalecia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e, portanto, sua forma de pensar e de escrever também o seria. Assim, ainda que a capacidade intelectual de muitas mulheres fosse inquestionável, muitas vezes só existia de modo potencial. E, não possuindo nem a independência intelectual nem a material – e uma coisa é ligada à outra –, a mulher (aquela considerada moralmente válida) não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura ampla e superior.

A educação para as mulheres no Brasil, no início do século XIX, era voltada ao ensino dos trabalhos domésticos, com o intuito de as tornarem boas esposas e boas mães. Segundo Sousa e Dias (2013, p. 150) “segundo o modelo europeu, desde menina, a mulher era ensinada a ser mãe e esposa; sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, isto é, tarefas estritamente domésticas”. Com isso, não havia ainda uma educação formal, as limitando aos espaços domésticos.

Ainda segundo Sousa e Dias (2013), as mulheres eram afastadas dos espaços públicos e só puderam mudar essa realidade a partir do momento em que começaram a adentrar no mundo do trabalho através do magistério. Maria Firmina dos Reis foi um exemplo dessa realidade, encontrando na profissão de professora uma forma de se emancipar. Ela foi a autora do primeiro romance considerado de autoria feminina, intitulado *Úrsula* (1959).

Outra brasileira que não contentou com as condições de submissão foi Nísia Floresta Augusta (1810-1885). Natural do Rio Grande do Norte, ela foi uma das primeiras mulheres a questionar os limites do patriarcado e publicar textos em jornais, tendo a primeira obra publicada em 1832, intitulada “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, que tratava dos direitos das mulheres ao trabalho e ao saber. (DUARTE, 2003).

É primordial destacar que as mulheres, mesmo sendo uma minoria, desenvolveram papéis importantes enquanto escritoras, mas poucas conseguiram se destacar. Duarte (1995 *apud* CASTANHEIRA, 2010), traz o seguinte questionamento:

A grande pergunta que se coloca é por que algumas escritoras, como Narcisa Amália, Nísia Floresta, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Presciliana Duarte de Almeida, Ana Aurora Lisboa, Maria Amélia de Queiroz, Úrsula Garcia, Carmen Freire, Mariana Luz, Francisca Júlia, Júlia da Costa, Auta de Souza, Francisca Clotilde, para citar só algumas, já que a lista é enorme, não estão hoje em nossas histórias literárias, nem sua obra compilada nas antologias e manuais de literatura. Quem as conhece sabe que a poesia que realizaram em nada fica a dever aos nossos poetas árcades e românticos, tais como Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e, até ousar acrescentar, Gonçalves de Magalhães. [...] A mediocridade da maior parte da nossa poesia romântica desmonta de pronto o argumento de que teria sido o apuro formal ou estético os determinantes da escolha daqueles autores.

A partir do exposto, podemos perceber que muitas das autoras que tiveram produções marcantes em suas épocas, mas, inviabilizadas, acabaram não sendo colocadas nas histórias literárias e nem ganhando o destaque merecido. Assim, com base na fala de Duarte (1995 *apud* CASTANHEIRA, 2010), podemos compreender que, infelizmente, não é apenas o talento e a criatividade que garantem uma colocação de destaque entre os grandes autores.

Dentre as escritoras que conseguiram destaque na literatura, destacamos Rachel de Queiroz, que abriu os caminhos para a escrita feminina na literatura brasileira oficial. Assim, no próximo tópico faremos uma abordagem da vida e da obra dessa escritora renomada, que foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

3 O MODERNISMO: A GERAÇÃO DE 30

Com o intuito de renovar a realidade cultural, os artistas da época considerada modernista conciliaram a cultura nativa e a cultura intelectual, resgatando a essência de um povo, criando imagens de um país jamais feito por seus antecessores. Entre os temas abordados, o índio fez parte desse interesse, as riquezas naturais foram enaltecidas, buscou-se a utilização da língua sem preconceito linguístico, entre outras questões que marcaram o Modernismo no Brasil.

Coutinho (2004) afirma que o Modernismo não está restrito à Semana de 22, mas engloba toda a época contemporânea, sendo inaugurado na semana de 22 e se estendendo até os dias atuais. O autor ainda ressalta que o Modernismo compreende três fases, marcadas por gerações diferentes e sucessivas, as de 22, 30 e 45.

A primeira, que vai de 1922 a 1930, foi caracterizada por romper e revolucionar na esfera política e na arte, objetivando acabar com a ordem social, política fictícia, colonial arcaica, reproduzida através da imitação dos estrangeiros, longe da realidade local. Foi uma fase em que a poesia predominou, concretizando, assim, algumas características formais e estéticas. (COUTINHO, 2004).

A segunda fase utilizou os resultados da primeira, substituindo o caráter destruidor pela intenção construtiva. Por fim, a terceira fase, que iniciou-se no ano de 1945, mostrou-se de forma precisa e com uma maior severidade de linguagem no que se refere à poesia e, já na ficção, o romance ficou estagnado, dando maior abertura ao conto. (COUTINHO, 2004).

Como ressaltam Abaurre e Pontara (2005), o Modernismo proporcionou uma nova forma de arte baseada na cultura nativa e na cultura intelectual, tudo isso sob a forma de manifestos literários. Essa classe literária foi marcada por diferentes estilos de escritores, pintores e sonhadores, além de uma nova e revolucionária literatura para os brasileiros, sem que houvesse interferências europeias, portuguesas, tendo em vista que os artistas desejavam uma literatura livre de influências estrangeiras. Desse modo, o Brasil serviu de cenário para as inúmeras produções que tinham como temática as denúncias sociais, entre as quais se destacam a seca, a fome e a miséria que atingiam a população nordestina.

Em meio a este cenário é que surge o Regionalismo, estilo que passou a dominar a segunda geração modernista brasileira. Abaurre e Pontara (2005) comentam que faz parte do enredo das obras regionalistas o espaço geográfico e o contexto socioeconômico, em que os primeiros escritores produziam baseados nas suas vivências, narrando, assim, o que conheciam dos fatos reais.

De acordo com Paganucci (2012), muitos escritores tentaram colocar em cena a vida miserável da população nordestina. Sendo assim, a década de 30 foi marcada por uma explosão de romances em que as temáticas visavam denunciar e apontar a realidade, oportunizando evidenciar especialmente a região nordeste com os brasileiros condenados à fome, à miséria e à seca. Os romances regionalistas traziam expresso uma descrição, expunham as características de uma região tomada pela aridez e pelo sofrimento, retratando personagens que se misturavam com a paisagem.

Ainda segundo Paganucci (2012), o Regionalismo veio trazendo peculiaridades dessa região e expressando os traços do momento histórico e da realidade social. Naquele período, as inquietações políticas, econômicas e sociais marcaram a chamada “era do romance”. Como ressalta a autora, para melhor compreensão da diversidade e complexidade do romance de 30 é necessário que se faça um estudo particularizado de autores e a observação de obras.

Segundo Castello (2004), essa fase modernista, a de 30, possui cinco romancistas do Nordeste que são considerados consagrados: José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Esses escritores conquistaram seus espaços e criaram novas ideias, sendo responsáveis por gerar obras que representam muito bem o cenário da literatura regional e brasileira.

É em meio a esse cenário que se destaca Rachel de Queiroz com a obra *O Quinze*, produção marcante do Regionalismo de 30, que aborda temáticas como os problemas sociais ocasionados pelas agruras da seca e chama a atenção para a questão da representatividade feminina. Insurgente, rompe com a construção comum dos escritores canônicos da literatura ao dar às suas personagens femininas características emancipativas e que as fazem sair do anonimato.

4 RACHEL DE QUEIROZ

A mulher, Rachel de Queiroz, é lembrada por diversas experiências que marcaram a sua personalidade, visto que suas vivências, costumes e formação se deram no convívio familiar e nos ambientes de trabalho. Uma escritora que possuía um olhar crítico, que costumava abordar em seus romances os aspectos regionais, psicológicos e sociais, além de ter trazido para a literatura personagens femininas de fibra, de coragem e de empoderamento, heroínas que não se viam na escrita dos cânones renomados de então.

Nascida sob os cuidados da bisavó, um costume da época em que as mulheres mais velhas cuidavam do nascimento dos seus parentes, veio ao mundo no dia 17 de novembro de 1910, Rachel de Queiroz, a bisneta de Maria de Macedo, mais conhecida como Miliquinha. A menina nasceu forte e saudável e recebeu esse nome como uma homenagem a sua avó paterna. (ACIOLI, 2003).

Segundo a autora, após o período puerperal, Daniel e Clotilde, os pais de Rachel, foram para Quixadá, mais precisamente para o Sítio do Junco, onde viveram por bastante tempo. Foi nesse sítio que a menina tomou gosto pela leitura, pois como vivia cercada por adultos que liam frequentemente, logo foi decodificando as palavras. Sem ao menos ir à escola, entre suas primeiras tentativas de leitura esteve à obra *Ubirajara*, de José de Alencar, aos cinco anos de idade, mas como ressalta Acioli (2003, p. 22) “[...] o que ela reteve do texto do livro foram os nomes próprios e no meio das conversas soltava: – Araci, Ubirajara [...].”

A família de Rachel vivia cercada por livros. Seu pai costumava ler enquanto a mesma, ainda pequenina, ficava aos seus pés ouvindo tudo atentamente, sendo que muitas vezes acabava por interrogá-lo e chegava a atrapalhá-lo em suas leituras. Mesmo com toda a família tendo esse hábito diário, a menina só foi à escola depois dos nove anos de idade e já sabendo ler muito bem. Apesar disso, se para a leitura ela foi precoce, ao chegar ao ambiente escolar não tinha nenhuma habilidade com as operações matemáticas e com a gramática, conforme comenta Acioli (2003, p. 38):

Foi um fiasco. A brilhante aluna de história não sabia nada de tabuada. Nem somar, nem multiplicar, nem dividir. Não sabia operar com frações. Não sabia nada sobre gramática, a não ser de ouvido, por pura intuição e hábito de leitura. Sabia usar a língua, mas não distinguia um adjetivo de um advérbio. De catecismo, nada. Ciências, muito menos.

A avó de Rachel ficou surpresa ao saber que a menina não sabia nada sobre religião, o que para ela era quase um crime. Como jamais permitiria que sua neta, a herdeira de seu

nome, tivesse uma falta dessas, exigiu que a menina fosse estudar em um colégio de freiras. Naquela época era necessário que se fizesse alguns testes de conhecimento para saber em qual turma cada criança estaria apta a estudar, então logo após o teste feito por uma das freiras, a menina foi designada para uma turma da segunda classe, haja vista que mesmo sem nunca ter ido ao colégio já possuía conhecimentos acima de sua idade, frutos do hábito de leitura que a pequena adquiriu. (ACIOLI, 2003).

A presença feminina no mundo dos homens não poderia ter uma representação melhor do que a da nossa escritora Rachel de Queiroz. Já em seus primeiros textos adquiriu o pseudônimo de Rita de Queluz, tendo como primeira escrita uma carta na qual criticava Susana de Alencar, uma parenta distante que havia sido eleita Rainha dos Estudantes do Ceará. Sua crítica foi tão boa que ela foi convidada para trabalhar no jornal *O Ceará*, sendo a partir daí que as portas se abriram para Rachel. (ACIOLI, 2003).

Com dezesseis anos de idade, assumiu a direção da página literária de um jornal, iniciando nessa mesma época um esboço de um romance chamado *A história de um nome*. De acordo com Cunha (2000 *apud* ACIOLI, 2003), esse folhetim foi uma antecipação do tema que iria ser recorrente nas produções literárias de Rachel: a mulher. Assim, a história de um nome foi um pretexto literário para consagrá-la como a romancista que viria a ser, uma mulher com um talento sem igual para desenvolver as representações femininas.

Em relação ao amor, Acioli (2003) comenta que durante a volta de uma viagem que havia feito ao Rio de Janeiro, a escritora conheceu José Auto da Cruz, poeta e bancário cearense, homem que viria a ser o seu marido. Fontes (2012) enfatiza que o relacionamento dos dois foi alimentado por correspondências ao longo de vários meses, e essas trocas de cartas foram fazendo com que passassem a se conhecer melhor, vendo quais afinidades tinham em comum, os sonhos a serem realizados.

Pouco tempo depois de se conhecerem e começarem o namoro por meio de cartas, logo se casaram em uma cerimônia simples, mas que teve tudo preparado com muito cuidado e carinho na casa de seus pais. Fontes (2012, p. 60) relata como aconteceu o casamento de Rachel e Zé Auto, no ano de 1932:

Ao final do ano de 1932, em 14 de dezembro, eles se casam. Rachel usava um vestido de linho branco, bordado pela mãe, e levava um buquê de flores de laranjeira, colhidas no jardim. A cerimônia, celebrada por um juiz, realizou-se no sítio do Pici. Logo após o casamento, Zé Auto, funcionário do Banco do Brasil, fora nomeado para uma agência em Itabuna, na Bahia, para onde se mudaram.

Desse matrimônio tiveram Clotildinha, cuja gestação foi bem complicada pelo fato de Rachel ter contraído malária, o que contribuiu para que o bebê nascesse prematuro. A menina nasceu em Fortaleza no sítio do Pici e, para que o nascimento dessa filha acontecesse, a futura mamãe fez questão de contar com o intermédio de uma parteira, dona Júlia, que já havia trazido muitos bebês da família ao mundo. (FONTES, 2012).

Em fevereiro de 1935 um fato marca para sempre a vida da escritora: sua filha única, Clotilde, acometida de meningite vem a óbito após 24 dias de febres intensas. Depois dessa tragédia, Rachel resolve voltar para o Ceará e reconstruir sua vida em Pici, um bairro de Fortaleza. Foi um período bem difícil de apagar da memória, contudo, ela se esforçou bastante para superar a dor. A primeira atitude tomada foi procurar um emprego, logo começando a trabalhar na firma G. Gradhvol et Fils, onde permaneceu por um bom tempo e chegou a ocupar o cargo de gerente. (ACIOLI, 2003).

Com o tempo, percebeu que seu casamento não estava como gostaria e resolveu colocar um fim nesse relacionamento, recebendo total apoio de sua família após a separação. Não tardou muito e Rachel resolveu morar no Rio de Janeiro. Nessa fase, escreveu sua obra mais lírica, *As três Marias*, produção que relembra a época de colégio.

O amor surge novamente quando, através de um amigo, conhece o médico Oyama de Macêdo, não tardando muito para que passassem a morar juntos. Apesar de ser uma época em que os valores morais se sobressaíam, recebeu a benção de sua família para se unir ao seu mais novo amor. (ACIOLI, 2003).

De acordo com Fontes (2012, p. 78) a união do casal foi bem rápida e contou com o apoio dos familiares de Rachel de Queiroz, como bem descreve a autora:

Quando resolveram morar juntos, escolheram o bairro de Laranjeiras. Os pais de Rachel, como sempre aconteceu em todos os momentos de sua vida, reagiram positivamente. Num gesto generoso, sua mãe deixou o marido convalescendo de tifo, e veio ao Rio com o filho Luciano, para enfatizar o apoio à filha. Aquela situação não era bem-vista socialmente, mas dona Clotilde não se importava. Quando os seus familiares residentes do Rio a procuravam, fazia questão de dizer: “Estou na casa de Rachel e Oyama. Vocês podem me visitar aqui.” Diante da atitude solidária dos seus pais, ninguém tinha coragem de fazer qualquer tipo de crítica.

Foi um grande ato de coragem que Rachel teve quando decidiu separar-se de Zé Auto, já que as pessoas daquela época possuíam valores rígidos e não viam com bons olhos uma mulher viver separada ou até mesmo conviver com outro homem sem terem casado.

De acordo com Acioli (2003), após a morte de seus pais, Rachel construiu uma casa nas terras *Não me deixes*, onde viveu por muito tempo com o seu companheiro Oyama. Neste local passaram por momentos bons e ruins, mas um dos momentos nunca esquecidos por ela

foi a morte do seu amado no ano de 1982. Durante toda a doença de seu marido, ela se mostrou muito prestativa e atenciosa para com ele:

É impossível dizer a influência de Oyama comigo porque Oyama era eu. Então, em nada que um de nós fazia, o outro deixava de ter uma participação total. O Oyama era o meu melhor crítico. Nunca escrevi, durante toda a nossa vida em comum, nunca escrevi uma palavra que não fosse lida por ele, comentada por ele e discutida por nós. Fora todas as afinidades que me prendiam a ele, eu adorava o Oyama. Digo sempre que nós eramos dois xipófagos, de repente o Oyama morreu e me separaram de meu xipófago. (QUEIROZ, s.d. *apud* ACIOLI, 2003).

Após a morte do marido, ela passou grande parte do seu tempo viajando e escrevendo, mas alguns problemas de saúde a fizeram ficar sem escrever. Quando já estava com seus 92 anos de idade, sua rotina se tornou bem simples, pois mal saía de casa, dormia até tarde e sua alimentação era toda regrada. Autora de cinco romances, oito livros, duas peças, algumas traduções em diversas línguas e grande colaboradora da imprensa, chegou a entrar na Academia Brasileira de Letras e ocupar a cadeira de número cinco. Tamanho acontecimento se tornou um fato primordial na vida das mulheres, pois até então era algo imaginável e que quebrava barreiras jamais ultrapassadas por uma mulher.

Com 92 anos de idade, a menos de duas semanas para o seu aniversário, a escritora Rachel, cujo legado já se dava a quase um século de produção, faleceu em sua casa, devido a problemas cardíacos:

No dia 04 de novembro de 2003, na mesma data em que se comemorava a sua eleição para Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz foi encontrada morta, às seis horas da manhã, em sua casa no Leblon, deitada em sua rede. Morreu dormindo, no seu lugar de leitura, de descanso e de preguiça. E na rede ela foi enterrada, não no mausoléu da Academia, como seria de praxe, mas no túmulo ao lado de Oyama, que tanto amou. Assim, da maneira que ela queria. (FONTES, 2012, p. 208).

Deixando um legado para a literatura brasileira, a escritora saiu de cena, mas torna-se uma das mulheres eternizadas. Teve o seu corpo velado na Academia Brasileira de Letras, e cumprindo o seu desejo, foi sepultada no jazigo da família, diferentemente dos demais escritores que tradicionalmente são sepultados no mausoléu da Academia.

4.1 RACHEL, A ESCRITORA E SUAS OBRAS

Rachel de Queiroz participava ativamente do ciclo regionalista, contribuindo na propagação de uma nova identidade cultural repleta de características bem particulares. Na construção das suas personagens, não permitiu que as suas mulheres ficassem no anonimato, deu-lhes características marcantes, criando, assim, mulheres guerreiras, emancipadas, fortes e que lutam a todo custo por uma vida mais justa. Segundo Acioli (2003), considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX, seus primeiros contos vieram bem cedo, em sua maioria contos de terror, que algumas vezes escondia e rasgava por receio de que seus irmãos não gostassem. Obteve, ao longo de sua vida, as funções de tradutora, de dramaturga, de cronista, de radialista, mais tarde tornando-se a primeira mulher a assumir a cadeira de número cinco na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Rachel não se intitulava feminista e em diversas entrevistas deixou claro que nunca comprou a “briga das feministas”. Entretanto, sua vida e sua escrita provam o contrário, visto que ela foi uma mulher que transgrediu as regras dos discursos limitadores e excludentes de uma sociedade machista e patriarcal. Tamaru (2006) salienta que em sua crônica, *A imagem feminina*, a autora questiona de modo a lamentar as criações femininas feitas pelos homens, pois essas personagens são, na maioria das vezes, estereotipadas em boas ou más, fiéis ou infiéis, dentre outros.

Como era possível perceber na literatura, muitas dessas mulheres eram esposas dedicadas ou prostitutas, não apresentavam nenhuma complexidade. Das vezes em que a protagonista cometia adultério, o autor tratava logo de castigá-la com a devida punição, enquanto que o homem era livre para agir como bem entendesse. Seguindo essa ideia de uma Rachel antifeminista, Santana (2013, p. 19), esclarece que:

No caso de Rachel de Queiroz, quando, em 1930, se lançou no cenário literário nacional, já trazia para a ficção a experiência adquirida como jornalista, o convívio com intelectuais e a atuação no Partido Comunista. A escolha da “seca” para uma mulher, além de desafiar o preconceito (no sentido de pré-conceito) de que mulher escritora só podia falar de flores e de moda. A chegada de Rachel de Queiroz ao campo das letras contribuiu para ampliar ainda mais os espaços femininos, em uma época na qual o papel da mulher na sociedade brasileira era tímido, tanto no campo da política, quanto no das artes e no mundo do trabalho.

Acreditamos que Rachel apostou numa escrita onde mostrou “o mundo das mulheres” numa perspectiva diferente, sem classificá-las como frágeis, desprotegidas e incapazes de sobreviverem sozinhas, prova disso é que suas protagonistas são mulheres de fibra e de coragem. Desse modo, Tamaru (2006) salienta que a autora acreditava numa escrita diferente da masculina, incapaz de abordar a mulher de forma frágil e desprotegida, como era comum,

marcando, assim, uma escrita de combate à convenção do feminino, visando com isso uma afirmação do papel da mulher, que se rebela contra as diferenças dos lugares em que são colocadas.

Em relação à escrita de Rachel, é notória a sua habilidade em dar visibilidade à mulher, diferentemente de muitos outros que excluía as personagens femininas de ambientes considerados predominantemente masculinos. Até então, tais personagens eram retratadas apenas nos espaços domésticos, não havia espaço para uma mulher sonhadora, rebelde, forte e independente.

Sobre o estilo de produção da autora, Martins (2017) frisa que ela possuía um estilo sóbrio e objetivo, já que evitava floreios linguísticos, construindo enredos que envolviam os leitores e os levavam para dentro da história contada. A autora também era avessa ao sensacionalismo, mas o social e o psicológico se fazem bastante presentes na construção de suas obras.

Em relação às produções de Rachel, Souza (2008) comenta que a autora teve uma produção bem extensa, produzindo romances, teatro, crônica e livros em parceria, entre os quais se destacam:

O Quinze (1930), João Miguel (1932), Caminho de pedras (1937), As três Marias (1939), Dôra, Doralina (1975), O galo de ouro (1986), Obra reunida (1989), Memorial de Maria Moura (1992); Literatura Infanto-Juvenil: O menino mágico (1969), Cafute & Pena-de-Prata (1986), Andira (1992); Teatro: Lampião (1953), A beata Maria do Egito (1958), Teatro (1995), O padrezinho santo (inédita), A sereia voadora (inédita); Crônica: A donzela e a moura torta (1948), 100 Crônicas escolhidas (1958), O brasileiro perplexo (1964), O caçador de tatu (1967), As meninas e outras crônicas (1976), O jogador de sinuca e mais historinhas (1980), Mapinguari (1964), As terras ásperas (1993), O homem e o tempo (74 crônicas escolhidas)(1995); Antologias: Três romances (1948), Quatro romances (O Quinze, João 20 Miguel, Caminho de Pedras, As três Marias) (1960), Seleta (1973) – organização de Paulo Rónai; Livros em parceria: Brandão entre o mar e o amor (romance – 1942) – com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Jorge Amado; O mistério dos MMM (romance policial – 1962) – Com Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Orígenes Lessa; Luís e Maria (cartilha de alfabetização de adultos – 1971) – Com Marion Vilas Boas Sá Rego; Meu livro de Brasil (Educação Moral e Cívica – 1º. Grau, Volumes 3, 4 e 5 – 1971) – Com Nilda Bethlem; O nosso Ceará (com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz Salek); relato – Tantos anos (com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz Salek); autobiografia: O Não Me Deixes – Suas Histórias e Sua Cozinha (com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz Salek); além de ter obras traduzidas para o alemão, francês, inglês e japonês. (SOUZA, 2008, p. 19).

Temos em Rachel de Queiroz uma representante dos romances regionalistas, uma escritora que conheceu de perto a seca e a realidade do povo nordestino. Para retratar uma das

maiores secas que já aconteceu no nordeste, a escritora, que na época tinha apenas 19 anos de idade e não tinha muitas condições financeiras, produz a sua primeira obra literária, *O Quinze*.

Segundo Paganucci (2012), a linguagem desses romances trazia sempre que possível a cor local, expondo as características mais importantes sobre os espaços, sobre os costumes e sobre os comportamentos, permitindo aos leitores um conhecimento maior sobre cada região. Assim, de modo geral, esses escritores traziam, nos romances, características do conteúdo local, como a linguagem, os costumes e a realidade de uma seca que assolava o sertão.

O romance regionalista considerado um gênero popular no Brasil iniciou sua fama com a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Esse romance nos levará a penetrar em aspectos do universo nordestino, no qual procuraremos fazer uma análise atenta às características das personagens femininas, observando as relações que elas estabelecem com o mundo e consigo mesmas mediante as imposições de uma sociedade patriarcal.

4.2 *O QUINZE*, O INÍCIO

Escrito em 1929 e publicado em 1930, *O Quinze* veio para abrir caminhos para aquela que seria a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Segundo Acioli (2003), para que pudesse produzir essa obra foi necessário muito esforço por parte de Rachel, tendo em vista que tal criação necessitou que ela realizasse um estudo de campo para conhecer de perto o sofrimento dos refugiados da seca. Além disso, as produções eram feitas à luz do lampião e a menina deitava-se no chão enquanto todos dormiam para que pudesse escrever a obra, que lhe rendeu o importante prêmio Graça Aranha, no ano de 1931.

Quando a obra ficou concluída, o primeiro a ler foi o seu pai, que gostou tanto que presenteou a filha com uma máquina de escrever. Ela passou a datilografar o livro, pensou em levá-lo até uma editora para tentar publicá-lo, mas como o custo era bem alto, seu pai não tinha condições de pagar. Foi quando entrou em cena Daniel, um amigo, que emprestou o dinheiro no valor de dois contos e quinhentos, permitindo que a moça realizasse seu grande desejo.

A repercussão foi muito grande, os críticos não paravam de fazer referência à obra, mas uma das falas mais infelizes em relação à estreia dela foi a do escritor Graciliano Ramos em que questionava a autoria do romance, pois segundo ele aquilo não seria coisa de mulher, mas de homem barbado. (ACIOLI, 2003). Fica evidente, na fala do autor, a forma como as mulheres eram vistas naquela época, em que o sexo feminino não tinha muitas oportunidades

de vida, não tinha visibilidade e vivia apenas para cuidar do lar. Apesar de tais críticas e dificuldades, Rachel não se deixou enfraquecer por um sistema opressor, e em *O Quinze* acabou fazendo das suas personagens, por representação, uma forma, também, de resistência social, trazendo detalhes de uma seca, dos problemas sociais e da politicagem que dominava a região.

Composto por 26 capítulos, o romance não possui títulos e uma das coisas que chamam a atenção é o fato deles terem sido substituídos por números. A obra traz problemáticas sociais ocasionadas pelo drama da seca, mostra também os seus efeitos sobre as relações humanas. O título faz referência à famosa seca que assolou o Estado do Ceará na década de 1915.

O cenário desse romance se passa na região do Quixadá e também em Fortaleza, mais precisamente na fazenda de dona Inácia, avó de Conceição; na fazenda do pai de Vicente; na fazenda de dona Maroca, a patroa de Chico Bento; e também no Campo de Concentração onde a família de Chico Bento vivencia grandes tormentos.

Segundo Souza (2008), *O Quinze* tem a sua narração construída de forma linear e o passado apenas aparece em meio às lembranças da personagem Conceição. Além disso, o tempo do romance é marcado por uma sequencialidade, possuindo início, meio e fim.

Fontes (2012) evidencia que a narrativa é construída em dois planos: o primeiro representado pelo drama da seca, enfrentado pelo povo nordestino e vivido por Chico Bento e sua família. O segundo, mostrado simultaneamente, retrata a história da heroína Conceição, que tem um amor irrealizado por Vicente, rapaz rude e que só pensa em salvar o seu gado da crueldade da seca.

Conceição é uma moça que foge das normas patriarcais, já que não aceita seu “destino de mulher”, que é casar, ter filhos e viver apenas para os afazeres domésticos. Essa questão vai se desenvolvendo ao longo da trama, em que o(a) leitor(a) vai percebendo que a heroína possui ideias avançadas que fogem dos padrões da época. Tal característica da personagem é um projeto inicial das próximas personagens criadas por Rachel ao longo de sua carreira, mostrando assim, a visão da autora em criar personagens femininas que representam a mulher nordestina.

De acordo com Fontes (2012, p. 45), a escritora Rachel de Queiroz foi surpreendente ao criar o seu primeiro romance, pois tinha uma forma de escrever simples e clara, embora não deixasse de ser uma inovação, já que estava ligada a mais recente forma de fazer arte, a literatura modernista:

Quando lançou *O Quinze*, Rachel surpreendera por duas razões básicas. Primeiro, pelos traços literários específicos: uma escrita econômica, limpa, em contato com as inovações modernistas, até então ausentes nos romances regionalistas da época; e a outra novidade bastante desafiadora era o fato de ser um livro escrito por uma mulher tão jovem sobre uma personagem feminina com preocupações sociais e ideias avançadas para a época.

A obra *O Quinze* possui uma linguagem bem semelhante à realidade, é simples e próxima da linguagem popular. Em inúmeras passagens percebemos uma narrativa seca, fazendo uma combinação com o ambiente e o estilo de vida das personagens.

Quando a obra foi lançada, alguns críticos deixaram suas impressões a respeito da escrita de Rachel, e, dentre essas, Acioli (2003) relata que certo crítico questionou um possível erro gramatical cometido pela escritora quando ela descreveu em um trecho que “o galã saíra com o peito entreaberto na blusa”. No entanto, um professor de Latim interveio nessa questão refutando que não havia nenhum erro ortográfico, pois, na verdade, Rachel havia feito uso de uma figura de linguagem chamada metonímia.

Outros críticos apontaram também o papel em que a produção foi impressa e afirmaram que ela não havia sido escrita por Rachel, mas por seu pai ou pelo escritor Beni de Carvalho (ACIOLI, 2003). Em meio a críticas pouco produtivas também apareceram muitos elogios. No Rio de Janeiro, por exemplo, a recepção foi bem calorosa. Como afirma Fontes (2012), Augusto Frederico Schmidt havia publicado no seu jornal, *As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas*, um artigo com o título “A Revelação” em que fazia elogios quanto à emotividade passada na obra, além de afirmar ser uma representação genuinamente brasileira, clara e simples. Mario de Andrade chegou até a atribuir ao *O Quinze* uma nota máxima e salientou que outras obras que tratavam do tema da seca não passavam de literatice.

Em relação às personagens da obra, Martins (2017, p. 46), acredita que em *O Quinze* elas “[...] apresentam comportamentos condizentes com uma conduta moldada dentro dos preceitos que eram difundidos durante a vigência do período patriarcal.” Entretanto, podemos dizer que uma das maiores contribuições de Rachel de Queiroz para a Literatura Brasileira foi abrir possibilidades para a questão de gênero, visto que as suas personagens femininas expressam um inconformismo com as condições que lhes foram postas, fato já observado em seu primeiro romance.

Um exemplo disso é Conceição, heroína que luta contra algumas das formas de padronização. No plano da realidade, a própria escritora marca a sua carreira com maestria ao escrever a obra *O Quinze*, fazendo uma desconstrução do preconceito que havia no tocante à

escrita de mulheres. Indo de encontro a essa questão, Martins (2017, p. 42) esclarece que é possível afirmar:

[...] que desde a inserção da escritora Rachel de Queiroz no cenário nacional, o feminino se configura num misto de dupla subversão: no plano ficcional, suas personagens apresentam comportamentos que transgridem códigos preestabelecidos às mulheres e, no plano real, a própria escritora comete a transgressão ao desfazer o mito da suposta incapacidade artística da mulher, revelando-se apta a produzir literatura à altura do que escreviam os homens.

Diante do exposto, notamos que a autora não se intimidava com o considerado “mundo dos homens”, tendo em vista que construiu, ao longo dos anos, obras cujas personagens são postas como o centro da trama, deixando de lado a marginalização e passando a ocupar o centro da narrativa. Tomando por base estes apontamentos, nosso estudo se se deterá em uma análise das personagens femininas em *O Quinze*, destacando as especificidades de cada uma delas e evidenciando a sua interação e posicionamento na trama.

5 CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES NA OBRA *O QUINZE*

Nesta parte do nosso trabalho buscamos investigar a construção das personagens em *O Quinze* e os espaços ocupados por elas em meio à sociedade representada no romance, tentando compreender de que modo o contexto social nordestino contribui para o comportamento dessas personagens.

Inicialmente, destacamos que, na obra, estão presentes dez personagens femininas e cada uma delas é construída com características singulares, jeitos de pensar, maneiras de agir e participação em contextos sociais relativos às suas respectivas condições econômicas. A saber: Conceição (a heroína); Dona Inácia (avó de Conceição); Alice e Lourdes (irmãs de Vicente); Cordulina (esposa de Chico Bento, o retirante); Mocinha (irmã de Cordulina); Doninha (esposa do delegado); Mariinha Garcia (pretendente de Vicente); Chiquinha Boa (moradora da fazenda de Vicente) e Dona Idalina (mãe de Vicente). Desse modo, traçaremos o perfil de cada personagem levando em consideração que elas são moldadas sob uma visão em perspectiva e que passa por uma escrita de autoria feminina.

Em relação a essas personagens, retomamos a fala de Martins (2017, p. 46), que comenta que elas “[...] apresentam comportamentos condizentes com uma conduta moldada dentro dos preceitos que eram difundidos durante a vigência do período patriarcal.” Nesse sentido, também é importante destacarmos a realidade tipicamente nordestina da época em que se passa a história, o ano de 1915, já evidenciado no título do romance. Nesta época, os papéis sociais já eram bem delimitados: o homem trabalhava e era o principal mantenedor das necessidades de sua família; a mulher, por sua vez, ficava responsável por cuidar da casa e dos filhos.

Desse modo, conhecedoras da realidade a que pertencem, as moças enxergavam no casamento a única forma de se realizarem como mulher. Temos nas irmãs de Vicente, Alice e Lourdes, exemplos fidedignos de moçoilas casamenteiras que vivem tramando um casamento para o irmão. Assim como sua mãe, Dona Idalina, elas trazem arraigada a ideia de que a mulher deve se casar para construir uma família e observam a matriarca como exemplo, já que a mesma se casou e teve quatro filhos, aos quais se dedicou fielmente: Paulo, Vicente, Alice e Lourdes.

Como de costume, as mães querem traçar o destino de seus filhos e desejam que eles se realizem plenamente, seja na questão financeira, na vida amorosa ou na profissão. Com Dona Idalina não é diferente, pois a princípio possuía o desejo de ver seu filho Vicente como médico ou advogado, profissões já almejadas pelos rapazes da época e prestigiadas na

sociedade. Em comparação, observava que seu filho caçula Paulo havia dado certo na vida, pois através dos estudos conseguiu ser bacharel, enquanto que Vicente não conseguia sequer realizar os seus sonhos. Entretanto, posteriormente acabou percebendo que, mesmo o filho não tendo uma carreira promissora, sabia cuidar muito bem da fazenda e não iria ficar longe da família, características que eram vistas por ela como algo positivo:

[...] e ficou chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonha da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer “ser gente” ... Passados porém alguns anos, já agora a velha senhora se conformava em não fazer do filho um doutor, e trazia-o ciumentamente preso a si, e o mimava a tal ponto, que fazia as irmãs protestarem: -Credo! Para mamãe, o Cente é mais mimoso do que mesmo o caçula!... (QUEIROZ, 2016, p. 21-22).

Já o que desejava para as filhas era um bom casamento e que fossem mães dedicadas, assim como ela sempre foi. Essa questão fica evidente na cena em que sua prima dona Inácia perguntou o motivo de ainda estarem em Quixadá e não terem voltado para o Logradouro, mesmo depois de o inverno ter começado, e ela respondeu com grande empolgação que é por conta do casamento da filha: “-O quê! Vocês ainda aqui, no Quixadá? Dona Idalina estendeu os braços para a prima, e explicou: -É por causa do casamento de Lourdes”. (QUEIROZ, 2016, p. 149).

Percebemos o amor e a dedicação de uma mãe por seus filhos, que até sonhou com uma vida cheia de realizações para eles e que também desejou mantê-los ao seu lado. Se outrora via o filho Vicente como um homem irrealizado profissionalmente, passou a considera-lo mais assim. Após perceber o erro em ter desejado que o filho se tornasse um “doutor”, mostrou-se conformada com a escolha dele de ser vaqueiro e o via como uma pessoa dedicada à família e aos cuidados da fazenda. Por sua vez, considerou que o filho Paulo estava perdido para ela por ter desprezado a família por conta da sua mulher: “[...] era bem mais dela e do marido do que Paulo, o bacharel. -Aquele está perdido para mim...”. (QUEIROZ, 2016, p. 22).

Enquanto que Dona Idalina via o casamento como algo essencial, havia aquelas que não pensavam no matrimônio como um destino nato. Aquelas que, de alguma forma, agiam diferente, passaram a ter que enfrentar os olhares tortos de uma sociedade que excluía e que julgava sem piedade. Mocinha, a irmã de Cordulina, é prova viva de que mulher que não se casava era infeliz, pois, provando dos prazeres carnais, passou a ser considerada “mulher da vida”, perdeu sua honra e se tornou mãe solteira, tendo que passar por inúmeras dificuldades restando-lhe mendigar na estação que outrora era um lugar de encantamento para a mesma:

Desgraça da vida, minha Madrinha! o Chico tinha-me deixado no Castro, em casa duma mulher que tem uma venda na Estação. Mas eu não aturei muito lá e vim vindo de mão em mão, cada dia pior, até que fiquei nesta desgraça, e ainda por cima, com um filho no peito... o pobrezinho ainda não tem um mês... Não sei como não morri, por aí, aos emboléus, sofrendo tudo quanto é precisão... (QUEIROZ, 2016, p. 147).

Observando o caso de Mocinha, podemos ter em foco a questão da sexualidade da mulher, algo que ainda hoje é motivo de tabu, visto que é uma afronta a moral e aos bons costumes que elas cogitem a possibilidade de fazer sexo antes do casamento. Segundo Alves e Pitanguy (1985, p. 60) “em nome da ‘honra’ da mulher estabelece-se um duplo modelo de moral, pelo qual se define sua sexualidade através da limitação, enquanto que a do homem é definida pelo desempenho.” Nesse sentido, enquanto que para os homens o ato sexual é um símbolo positivo de masculinidade, para a mulher é uma desonra e mais um motivo para ser mal vista pela sociedade.

Essa visão da sexualidade da mulher não é exclusiva da época e do local em que se passa o romance, pois segundo Tannahill (1980 *apud* LIMA, 2013) já durante o regime vitoriano no século XIX, o ideal de casal era aquele que mantinha relações para procriar. Assim, podemos perceber que, com o passar do tempo, essa cultura também se espalhou, fazendo com que o sexo, algo natural do ser humano, fosse visto como um tabu. Desse modo, quanto mais as mulheres se mostrassem desinteressadas, mais dignas seriam de serem esposas ideais. A partir de tais questões, podemos notar o quanto as mulheres são discriminadas por algo que é natural, tendo que reprimir seus desejos.

Outra mulher que corrobora com as ideias de uma sociedade baseada no patriarcalismo é dona Inácia, a avó de Conceição. Mostrava-se uma mulher forte e temente a Deus, tinha o hábito de fazer preces para clamar a São José chuvas para o sertão. Mulher de fibra e viúva, a matriarca assumiu o comando de suas propriedades e arraigava costumes que eram questionados pela neta. Um desses exemplos de confronto é o tom de ironia dado por Conceição em sua fala ao se deparar com a prece da avó ao santo padroeiro das chuvas, e demonstrava, com isso, sua descrença em santos e orações:

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, Dona Inácia concluiu:
 “Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”
 Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:
 - E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ, 2016, p. 11).

A matriarca, acostumada com os valores impostos pela sociedade da época, tentava a todo custo fazer com que a sua neta deixasse de ter ideias absurdas e de ler obras que não eram “apropriadas” para mulheres, pois, segundo ela, o padre era quem deveria recomendar uma leitura adequada. Além disso, também achava um absurdo a neta ficar andando sozinha, mas o que a deixava ainda mais intrigada era o fato da moça já estar com idade avançada e não querer casar.

Mesmo sendo mulher, a avó de Conceição apresentava algumas condutas que se mostram preconceituosas em relação às mulheres, apresentando-se inflexível quando o assunto é o casamento. Em sua visão, a mulher quem não se casava era um aleijão, ou seja, uma pessoa que representa uma deformidade:

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:

- E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...Conceição riu de novo:- Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...- De que trata? Você sabe que eu não entendo francês...

[...] - Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema... (QUEIROZ, 2016, p. 130-131).

Como podemos observar no trecho, é visível a necessidade da avó de moldar a personalidade da neta através de conceitos e regras baseados na sociedade patriarcal. Entretanto, não obtém êxito, visto que sua neta até costumava ler obras feministas, não havendo nenhuma possibilidade de fazê-la seguir normas arcaicas, já que até francês a moça sabia. Por isso, a luta da avó em fazê-la seguir seus padrões se tornou algo muito difícil.

Além de Dona Inácia, outras personagens se enquadram no perfil de mulher impregnada pelas regras machistas. Entre elas destacamos a senhora Doninha, esposa do delegado Luís Bezerra. Como frisa Martins (2017, p. 52), “[...] as mulheres casadas retratadas na obra possuem uma existência, digamos coisificada, e somente existem por meio de seus maridos ou para executar as funções domésticas.” Além disso, vemos em Doninha a apresentação de uma realidade tipicamente comum à mulher, pois apresentava-se na cena em um ambiente que de costume já se materializou como sendo parte da realidade feminina, a cozinha. É nesse ambiente que Cordulina, outra mulher, é convidada a adentrar para conversar com a mulher do delegado: “O homem chamou a mulher: “-Eh! Doninha! Venha falar com uns conhecidos! Entre, comadre, ela está na cozinha. Vá entrando!” (QUEIROZ, 2016, p. 89).

Observando a obra, temos em Cordulina um exemplo da realidade de mulher subjugada ao marido, o que vai ao encontro da fala de Oliveira, Freire e Chaves (2012) ao comentarem que, no Brasil, a mulher seguia a ordem patriarcal de submissão ao pai (quando solteiras) e posteriormente ao marido (após o casamento). Como comentam os autores, essa submissão a torna frágil e com pouca inteligência, ocupando apenas o contexto doméstico.

A personagem, sem muito questionar, aceitava quando o marido informa que irão partir em um retiro massacrante, mesmo sabendo que poderiam sofrer e que seus filhos poderiam não suportar todo o percurso. Desde a decisão de partir com a família para um retiro em busca de melhorias de vida, Chico Bento informou à mulher que iriam precisar sair da fazenda de dona Maroca. A personagem, entretanto, sofreu calada e acatou a ordem do marido, tendo o choro como única forma de alívio da dor, que na maior parte das vezes era baixinho: “Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.” (QUEIROZ, 2016, p. 31). Tal “cegueira” em seguir o marido sem questioná-lo ao longo da trama mostra o quanto a personagem é submissa, ingênua e omissa, características que se enquadram no modelo considerado ideal para as mulheres da época, visto que a liberdade não era permitida a elas.

Quando passava por atribulações e precisava aliviar-se, a mulher não via outro meio para livrar-se das amarguras além do choro. Passando por diversas provações ao longo da trama, enfrentou a morte do filho e chorava. Posteriormente, ao se ver obrigada a lidar com o sumiço de outro filho, o Josias, a sua dor também foi camuflada e ela teve que chorar silenciosamente: “Cordulina ouvia confusamente o que diziam, e chorava baixinho.” (QUEIROZ, 2016, p. 88).

Posteriormente, como se não bastasse, Cordulina se viu obrigada a deixar o seu filho caçula aos cuidados da madrinha Conceição e, mais uma vez, sentiu na pele a dor da perda. Embora soubesse que aquilo seria o melhor a fazer, já que a madrinha do menino iria cuidar muito bem dele, foi inevitável a dor dessa mãe ao ouvir a indagação da comadre: “-Ah! Esse é meu não dou mais. Vou fazer dele um homem!”. (QUEIROZ, 2016, p. 115).

Já nas vésperas da viagem para São Paulo, a personagem despediu-se do filho caçula e mostrou-se esgotada após ter passado por tanto sofrimento. Assim como a seca que assolava o sertão levou a vida de muitos animais, a vegetação e muitas pessoas que não suportaram a fome e a miséria, levou, também, as forças e a alegria dessa mulher, que já não tinha mais lágrimas para chorar: “Na véspera, quando fora despedir-se do Duquinha, parece que esgotara as lágrimas; e com os olhos secos olhava fixamente as ondas que iam e vinham, batendo nos pilares de ferro”. (QUEIROZ, 2016, p. 115).

Diferentemente das mulheres mencionadas até então, a heroína Conceição apresentava-se contrária às normas e padronizações do patriarcalismo, visto que ansiava por uma vida mais participativa nos espaços fora de casa. Decidida em quebrar as regras que reprimiam e limitavam as mulheres da época, a primeira coisa que fez foi buscar na leitura o conhecimento de mundo, pois uma moça culta que adquiria conhecimentos sobre a situação da mulher na sociedade, **não deveria** se sujeitar a fazer algo que era considerado machista. Assim, a personagem é descrita pelo narrador da seguinte forma:

[...] Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan *da biblioteca do avô*. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, *estranhas à avó*. (QUEIROZ, 2016, p. 14, grifo nosso).

Pelo exposto, notamos que o avô de Conceição era o proprietário dos livros da biblioteca e, possivelmente, tinha o hábito da leitura. Diferentemente, para a avó da moça, o hábito de sua neta fazer essas leituras constantes se configurava como algo estranho. Assim, percebemos, nessa cena, um fato incomum à época, em que nem todas as mulheres tinham o direito de estudar e de se qualificar em alguma área que não fosse os afazeres domésticos.

Órfã, a moça foi criada por sua avó, dona Inácia, a quem carinhosamente chamava de Mãe Nácia. A personagem vivia transitando entre a casa da capital onde trabalhava como professora e a casa do campo que ficava na fazenda da sua avó, onde costumava passar boa parte de suas férias. Para Medeiros (2007), a mulher representada por Conceição tem vistas emancipatórias, basta ver que é independente, trabalha como professora, estuda, exerce sua cidadania e não pretende se relacionar com os homens por pressão da sociedade.

Conceição também não queria assumir compromisso com nenhum homem e do mesmo modo não desejava gerar um filho em seu ventre, então o único meio encontrado para ser mãe foi adotar o seu afilhado. Tamaru (2006) salienta que ao adotar o menino, Conceição cumpre seu desígnio, visto que o narrador afirma na obra que o destino de toda mulher é acalentar um filho no peito. Apesar de a personagem realizar essa proeza, percebemos um modo não convencional, já que a moça acreditava que não valia a pena construir um casamento.

A heroína tinha total conhecimento de como as mulheres que não se casavam eram tratadas, pois a própria avó era prova viva disso ao chamar essas mulheres de “aleijão”. Além dela, seu primo Vicente, rapaz que sentia uma atração pela moça, também se mostrava machista e conservador. Segundo Bueno (2006), Vicente é um representante masculino ideal

de ligação com a terra, sendo o contraste do seu irmão bacharel. Não via os estudos como uma coisa agradável, detestava aulas, só em pensar como seria já era acometido de preguiça e tédio, pois não suportaria ficar sentado por muito tempo ouvindo um professor falar e lhe dar ordens.

Diferentemente da moça e de seu irmão que gostavam de estudar e possuíam aspirações para além da fazenda, o personagem vivia para os cuidados com a terra. Em alguns momentos apresentava-se como um homem machista, ficando visível quando ele questionava a Conceição sobre o fato dela andar sozinha e recebia o apoio de dona Inácia:

Vicente riu, abanando a cabeça. Depois perguntou já sério: Foi por causa da doença que veio só? Ela riu de novo: - Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia... - Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade. Dona Inácia ajuntou: - Agora é assim... eu também estranhei... Conceição continuava a rir: - Mas eu, é porque sou uma professora velha, que vou para o meu trabalho! Uma mocinha bonitinha não passeia só, não é? Ele ainda disse, levado pelo seu zelo de matuto. - Pois mesmo assim, sendo professora velha, como você diz, se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda... (QUEIROZ, 2016, p. 80).

Devido às divergências de pensamento e de comportamento entre Vicente e Conceição, ela acabou percebendo que não valia a pena ter nenhum relacionamento amoroso com o primo, pois ele demonstrava ser uma pessoa com convicções retrógradas para o seu tempo. De acordo com Medeiros (2010, p. 7), “essa ‘liberdade’ da personagem, conquistada, soa ao personagem Vicente, primo pretendente da heroína, como uma ameaça, daí a necessária e almejada vigilância.”

Por sua vez, as irmãs de Vicente, Lourdes e Alice, mostravam-se, pelo desenrolar da obra, necessitadas de um protetor que facilitassem os seus destinos, pois ambas possuíam a ideia de que só teriam estabilidade e felicidade através de um casamento que “[...] é almejado ou valorizado porque as próprias mulheres se veem como pessoas que necessitam da presença do sexo masculino para lhes garantir o sustento e proteção [...]” (MARTINS, 2017, p. 47).

Além delas, outra mulher que via o casamento como escapatória para fugir do sofrimento é a Chiquinha Boa, moradora da fazenda de Vicente. Estando viúva, não queria ficar passando necessidades lá no Logradouro e, por ter curiosidade em saber como era o Campo de Concentração, viajou em busca de emprego: “-A gente viúva... Sem homem que me sustentasse... Diziam que o governo estava dando comida aos pobres... Vim experimentar...” (QUEIROZ, 2016, p. 61).

Essa personagem mostra-se uma mulher faladeira, pois quando começou a conversar com Conceição e a relatar sobre a vida dos moradores do Logradouro e do Quixadá, fazia um

apanhado de tudo e de todos. Em conversa, tratava do assunto mais comentado em Quixadá, justamente do seu ex-chefe e primo de Conceição, o Vicente. Dizia ela que as pessoas andavam comentando sobre ele e a filha de Zé Bernardo, a Zefinha: “[...], e a Chiquinha continuou, num riso malicioso: — E até aquela filha do Zé Bernardo, só porque sempre ele passa lá e diz alguma palavrinha a ela, anda toda ancha, fazendo de boa... — O povo ignora muito...” (QUEIROZ, 2016, p. 62).

Ao saber por Conceição que a Chiquinha Boa estava morando no campo de concentração, Vicente comentou: “Aquilo é uma doida, uma vagabunda. Danou-se para vir pro Ceará porque ouviu dizer que estavam tratando retirante a vela de libra. Queria vir até a pé: eu ainda arranjei passagens com pena.” (QUEIROZ, 2016, p. 82). Percebemos que o rapaz se mostra muito desrespeitoso ao chamar sua ex-moradora de “doida e vagabunda”. A personagem, possivelmente, havia saído das terras do patrão na esperança de conseguir alguma oportunidade melhor na capital, mas não teve muita sorte e acaba ficando no Campo de Concentração.

Das observações do enredo constatamos que as irmãs de Vicente são representantes da idealização da mulher feitas ao casamento, visto que elas aceitam o discurso de que as moças só se realizam através do matrimônio. Assim, seguindo o lema do patriarcado, elas não se incomodam em servir de cupido para o irmão e vivem arrumando romances para ele. O primeiro foi com Conceição, que não se desenvolveu, o que deixou as irmãs do moço muito tristes. Posteriormente, devido ao não enlace de Conceição e Vicente, as moças resolveram empurrar o irmão para cima de Mariinha, moradora de Quixadá e muito amiga delas. Mesmo o irmão só tendo olhos para a prima, Mariinha já se imaginava casada com o pretendente:

É verdade que Vicente nunca ocorrera casar; desfrutava apenas, com uma atenção um pouco negligente, o encanto que lhe vinha a moça, sem querer cuidar em mais nada, com uma grande preguiça de pensar no depois... Enquanto a pobre Mariinha já alinhava risonhamente as primeiras peças da futura felicidade, e todas as noites sonhava com uma casa muito grande e muito branca, com uns braços fortes do lutador e de apaixonado, com um largo peito de homem onde pousaria a cabeça. (QUEIROZ, 2016, p. 141).

Vale salientar que as moças daquela época tinham o costume de preparar o enxoval quando começavam a namorar, coisa que Mariinha fez rapidamente sem ao menos ter certeza se o que estava acontecendo entre ela e Vicente era um namoro sério. Diferentemente dela, Conceição se considerava uma solteirona, algo que ostentava com orgulho. Sobre o comportamento da personagem em relação aos relacionamentos, Tamaru (2006, p. 65) comenta:

Com 22 anos, Conceição já havia abandonado suas poucas tentativas de namoro aos dezoito, no tempo de normalista. Considera-se solteirona, e o fato de ostentar tal condição, com orgulho e desdém, faz o pretendente dela, Vicente comentar: ‘Dona Conceição toda dura, sem querer saber de ninguém’. Como primos, inicialmente não escondem a admiração de um pelo outro, mas a aproximação não vingou em casamento.

Com esse comportamento transgressor, Conceição se revelava contrária ao modelo de felicidade que agradava as moçoilas casamenteiras da época. Sua forma de pensar e de agir causava estranhamento aos olhos da sociedade que estava acostumada a ter as mulheres “domadas” como animais selvagens. De acordo com Oliveira (2001 *apud* TAMARU, 2006) a heroína Conceição difere das demais personagens devido às características que a tornam uma mulher independente, portanto, ela não seguia os conselhos de mãe Nácia, não enxergava a fé católica como algo a ser seguido sem contestar, não possuía o menor desejo de se casar, tudo isso, contrariando a vontade da avó.

A independência da personagem, mesmo **ambientada** em uma época com costumes bem rígidos, se dava principalmente pela função de professora que exercia, o que lhe garantia respeito perante a **sociedade representada na obra** e que lhe permitia caminhar sozinha, o que não era do agrado de sua avó e de seu primo. Além disso, percebemos a influência dos estudos e das leituras realizados pela mesma, fazendo com que ela realizasse constantes reflexões sobre as funções ocupadas por uma mulher casada e a vida que teria se contraísse matrimônio com Vicente.

Retomando a fala de Alves e Pitanguy (1985) percebemos que esse tipo de reflexão e conhecimento tido pela personagem já era temido na Idade Média, uma vez que o saber científico proporcionado pelos estudos abre espaço para que a personagem não aceite os padrões que lhe são impostos, deixando de lado qualquer possibilidade de casar por mera necessidade.

Ainda assim, podemos perceber que, mesmo distante do comportamento das demais personagens, Conceição mantém arraigados valores de sua época, visto que apesar de ter apenas 22 anos já havia deixado de lado suas tentativas de namoro e, orgulhosamente, já se considerava uma solteirona.

Ainda segundo Oliveira (2001 *apud* TAMARU, 2006) a personagem cumpriu seu papel de mãe, mesmo que tenha sido através da criação do seu afilhado Manuel (o Duquinha); não aparentava ser uma moça mimada e delicada, algo que era comum às moças, características presentes em Lourdes e Alice, irmãs de Vicente; também não se casou como

Cordulina, que acompanhava o marido cegamente; e nem se igualava a Mocinha, irmã de Cordulina que, se vendo sozinha, começou a se prostituir e a mendigar para conseguir criar o filho.

Por fim, percebemos que as figurações das mulheres presentes na obra *O Quinze* nos revela o quão perspicaz é a perspectiva de Rachel de Queiroz para construir personagens femininas retratadas em meio a uma seca degradante. Em relação à temática, compreendemos que ela trouxe aspectos sobre a ligação do homem com a terra, além de tocar na condição feminina, apontando de modo singular as características dessas mulheres em apreciação. Vemos que a todo o momento a seca influencia a vida delas, seja provocando o êxodo rural ou o sofrimento pela perda de um ente querido, elas são construídas dinamicamente, embora sejam manipuladas pelos valores da época.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Privadas do acesso à educação, ao mercado de trabalho e ao direito ao voto em diversas sociedades, o processo de luta das mulheres em busca dos seus [direitos foi e ainda é](#) árduo e penoso. Do mesmo modo, a sua inserção na literatura esteve envolta em uma série de críticas machistas e preconceituosas, visto que não foram raros os casos em que suas produções foram julgadas apenas por serem de autoria feminina.

Aos poucos, a partir das reivindicações feministas pelos direitos das mulheres, suas produções começaram a se tornar notáveis aos olhos da sociedade e as mesmas ganharam espaço na literatura. Contrariando, com isso, a condição de objeto a que as personagens femininas estavam condicionadas nas produções de autoria masculina, a literatura feminina dá às suas personagens o papel de protagonistas, mulheres fortes, batalhadoras e, em muitos casos, transgressoras das condições impostas pela sociedade de sua época.

É em meio a esse cenário que se destaca Rachel de Queiroz com a obra *O Quinze*. Romance consagrado da literatura regionalista, que retrata a seca e as condições de vida das personagens que tiveram que vivenciar essa triste realidade, evidenciando, também, o quanto os sertanejos são fortes e corajosos para superarem as situações que lhe são impostas pela sociedade e pela natureza. Outra marca importante é a sutileza com que a autora cria suas personagens e as retrata em meio aos espaços que ocupam em confronto com as ideologias da época.

Ao problematizarmos o romance *O Quinze*, percebemos a importância de conhecer mais sobre a literatura regionalista, levando em consideração obras de autoria feminina, as quais são representadas por Rachel de Queiroz. Autora esta que enfrentou preconceitos da época, o que superou os limites da escrita feminina e conseguiu se sobressair, retratando, em sua obra acima mencionada, questões sociais, psicológicas, e feministas, criando personagens que se rebelaram contra os padrões, mostrando as mulheres de modo singular, dando-lhes direitos iguais na sociedade.

Através do presente trabalho também nos detemos a investigar [a presença de diversas e distintas personagens femininas e como cada uma se aproxima ou se distanciam dos padrões](#) os discursos utilizados pela sociedade patriarcal, e isso foi realizado a partir das teorias que tratam do percurso da mulher na sociedade, da perspectiva feminista e da literatura regionalista. Sendo assim, analisamos a obra *O Quinze* para que pudéssemos averiguar como Rachel de Queiroz constrói a personalidade de cada personagem feminina, ao passo em que as retrata em meio às misérias trazidas pela seca. Por meio da heroína Conceição, pudemos

perceber que a autora já introduz a discussão sobre a perspectiva feminista, ao retratar uma personagem que está a frente de seu tempo, que recusa o matrimônio, que trabalha e que tem prazer pelo conhecimento e pelas leituras.

Conceição se mostra distinta das demais personagens, uma vez que, diferentemente de Lourdes, de Mariinha e de Alice, não é uma moça que vê no marido uma forma de proteção e estabilidade financeira; não está subjugada ao posicionamento do marido e acata suas decisões calada, assim como faziam Cordulina, Dona Idalina, Doninha e Chiquinha Boa; possui condições financeiras, não estando a mercê da pobreza, assim como Mocinha, que acaba tendo que se prostituir para conseguir sobreviver e criar seu filho; e não segue valores arcaicos como sua avó Dona Inácia que não vê com bons olhos o fato de uma mulher não se casar.

Podemos considerar que a representação das relações de gênero dessas personagens está intrinsecamente ligada à posição social e a formação intelectual de cada uma, sendo possível notar as diferenças de comportamentos a partir do momento em que elas são questionadas, pressionadas e expostas a situações de submissão. Muitas delas, por exemplo, agem pacificamente e sem contestação, já outras, como pudemos perceber, não querem de forma alguma ser objeto de manipulação.

Desta forma, ressaltamos que, com a obra *O Quinze*, Rachel de Queiroz criou personagens cujos perfis são traçados de acordo com o meio, podendo, assim, se mostrarem favoráveis aos costumes da época, sendo oprimidas pelas crenças, valores e condições sociais, mas também personagens que lutam e transgridem todas essas questões, mostrando-se a frente da sociedade em que vivem.

Vale frisar que, apesar do que já foi escrito sobre a obra e a autora, esta investigação não está esgotada, podendo ser desenvolvidas diversas pesquisas nesta perspectiva ou em outras, pois compreendemos que há inúmeras possibilidades a serem apontadas pelos pesquisadores que as realizarão. Por fim, acreditamos que estudar mais profundamente as obras regionalistas e feministas, com esse olhar atento as problemáticas que envolvem as mulheres, fazem-nos amadurecer e perceber o modo diferenciado da sociedade que determinava e definia os papéis considerados femininos. Desse modo, a exposição de aspectos que marcam o percurso das personagens femininas facilita a diminuição de preconceitos, pois um dos mais discutidos durante o trabalho foi a sexualidade, por exemplo, que vai sendo desconstruída, deixando de ser um tabu.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras.** São Paulo: Moderna, 2005.

ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: USP; Campinas: UNICAMP, 2006.

CASTANHEIRA, Cláudia Silva. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória.** Revista eletrônica - Cadernos da FaEL, v. 3. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://perseu.unig2001.com.br/cadernosdafael/ARTIGO%20CADERNOS%208%20CLAUDIA%20CASTANHEIRA.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CASTELLO, José ADERALDO. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade.** v. 2, 1.ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil, volume 4. Parte II/Estilos de época Era realista/Era de transição.** São Paulo: Global, 2004.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no brasil.** Revista de Estudos Avançados. São Paulo, 2003. v. 49, p. 151-172. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950/11522>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LIMA, Sarah Dayanna L. Martins. **Direitos sexuais e reprodutivos das mulheres: expressões das políticas públicas no município de fortaleza.** Fortaleza: Ceará: UECE, 2013. Disponível em: <http://uece.br/ppgsociologia/dmdocuments/sarah_dayanna_lacerda.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MARTINS, Edvânia. **Entre subordinações e insubordinações: Mulheres de Rachel de Queiroz.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2017.

MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. **Conceição e Maria Moura: duas heroínas no espelho.** Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 7, p. 129-144, 2010.

_____. **A metonímia do corpo em Conceição de O quinze.** In: XII Seminário Internacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2007, Ilhéus-BA. Seminário Mulher e Literatura: Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Ilhéus-BA: Editus, 2007.

OLIVEIRA, Maria Eveuma de; FREIRE, Manoel; CHAVES, Sérgio W. Freire. **Rachel de Queiroz: uma mulher à frente do seu tempo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas: UNEB, 2012. Disponível em: <<http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n1/vol2n1-204-216.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2017.

PAGANUCCI, Jeanne Cristina Barbosa. **Rachel de Queiroz e autoria feminina leitura literária e leitura cultural**. Santa Cruz, 2012. IV SEMPEXLE SEMINÁRIO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM LETRAS. Universidade Estadual de Santa Cruz. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art9_paganucci.pdf. Acesso em: 28 dez. 2017.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 102. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SANTANA, Ana Ângela de Oliveira. **A memória na construção da protagonista em memorial de maria moura de Rachel de Queiroz**. João Pessoa: UFPB, 2013. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6277/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SOUSA, Dignamara Pereira de Almeida; DIAS, Daise Lilian Fonseca. **Quando a mulher começou a falar: literatura e feminismo na Inglaterra e no Brasil**. Revista gênero na Amazônia, v. 1, p. 143-168, 2013. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

SOUZA, Patrícia Alcântara de. **Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos em o quinze, As três Marias e Dôra, Doralina**. Goiânia, 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.pos.letras.ufg.br/up/26/0/patriciaalcantara_completo.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2018.

TAMARU, Angela Harumi. **A construção Literária da Mulher em Rachel de Queiroz**. São Paulo: Scortecci, 2006.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: FEMINISMOS, IDENTIDADES DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence>>. Acesso em: 10 dez. 2017.